

UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE A HISTÓRIA DO CORPO NO BRASIL

Luciana Maria Masiero*

© INSTITUTO DE INVESTIGACIONES ANTROPOLÓGICAS DE CASTILLA Y LEÓN, Salamanca | 2015.
Recebido em 30/07/2015 e aceito em 18/09/2015.

Resumo: A história do corpo no Brasil é repleta de diversidade cultural e de miscigenação. Desde a sua colonização até os dias de hoje, a construção da identidade corporal do brasileiro se camufla na mistura de modelos vindos tanto dos índios que habitavam o país, dos descobridores e colonizadores europeus, dos escravos, de imigrantes como também dos descendentes dessa mescla. Assim, diante da complexidade de símbolos e significados corporais encontrados no Brasil, este estudo busca refletir antropologicamente sobre a formação da identidade brasileira, com um olhar na corporalidade e nas modificações corporais a partir de uma análise de sua história desde a colonização até a democracia atual.

Palavras-chave: Brasil, História, Identidade, Corpo.

Abstract: The history of body in Brazil is full of cultural diversity and miscegenation. Since its colonization to the present day, the construction of Brazilian identity is camouflaged in the mixing body models coming from both the Indians who inhabited the country, discoverers and European settlers, slaves, immigrants as well as the descendants of that mix. Thus, given the complexity of symbols and meanings body found in Brazil, this study aims to reflect anthropologically about the formation of the Brazilian identity, with a view at the body and body changes from an analysis of its history since colonization to the present democracy.

Keywords: Brazil, History, Identity, Body.

INTRODUÇÃO

O corpo é uma representação da história pessoal do indivíduo. Porém, essa história é cheia de significados marcados por influências externas geradas tanto pela cultura como pela opinião dos outros, sejam colegas, amigos, família ou do cônjuge. Entretanto, ainda não se sabe claramente como essas pressões sociais podem afetar na formação da identidade corporal

do brasileiro. Ou seja, falta um entendimento de como as mensagens corporais externas, geradas desde o descobrimento do Brasil até os dias de hoje, interferem na construção da imagem e na maneira do indivíduo expressar ou modificar o seu corpo. Portanto, o simbolismo associado ao corpo pode ser resultado tanto de um desejo pessoal como de um imaginário coletivo. Desta maneira, este texto busca refletir se a formação da identidade corporal brasileira foi determinada pela história do Brasil desde a colonização até a democracia atual.

Ademais, observa-se que a diversidade de etnias desse país é fruto de uma mescla de interesses econômicos, que antes eram coloniais

* Fisioterapeuta, Educadora Física, Mestre em Antropologia de Iberoamérica e doutoranda do Programa de Ciências Sociais na Universidad de Salamanca (Espanha), Bolsista da Capes (Brasil).
lumasiero@hotmail.com.

e agora são capitalistas. Além disso, a sociedade construída por tais interesses comerciais transformaram o Brasil em uma nação híbrida tanto corporalmente como culturalmente. Autores como Gilberto Freyre (1980) e Roberto DaMatta (1987), escreveram sobre o período colonial associando as “três raças” - branco, negro e índio - com as relações sociais de poder da época. Através das visões dos autores cada etnia tinha as suas funções sociais, o branco era o europeu conquistador, o índio era o brasileiro selvagem e o negro o trabalhador escravizado. Contudo, a amabilidade dessas relações descritas por esses autores parece questionável já que a subordinação e as lutas que essas vivências geraram no período colonial seguem até os dias de hoje.

Metodologicamente, será feita uma revisão bibliográfica sobre a história do corpo no Brasil, a corporalidade e identidade do brasileiro e as modificações corporais através de cirurgias plásticas. Serão utilizados materiais da Universidade de Salamanca, bem como bases de dados de revistas científicas, como a RedaLyc, a Dialnet e o Google Scholar¹.

Desta maneira, será feita uma reflexão acerca da formação dos estereótipos e alterações de corpos no Brasil, voltando-se também para as influências da religião católica no período colonial. À continuação, se abordarão as percepções de corpos através da história política do Brasil até a república. A seguir, se tratará da intrigante questão das etnocirurgias, ou cirurgias plásticas étnicas, relacionando-as com as representações culturais construídas no período colonial até a modernidade. E por fim, será feita uma análise de políticos que causaram algum impacto na formação da identidade do brasileiro e que modificaram os seus corpos por diferentes motivações, seja para a fuga do exílio na ditadura ou para melhora na imagem apresentada nas eleições democráticas.

O CORPO E RELIGIÃO NO BRASIL

Del Priore e Amantino (2011) escreveram sobre a trajetória dos estereótipos de corpo no Brasil e afirmaram que na fase colonial a elite se distanciava visualmente das massas populares

através das ostentações e do luxo excessivo de seus trajes. Ou seja, como as cirurgias plásticas não eram populares nesta época, o corpo não era modificado, mas era diferenciado pela representação das roupas, nas formas de vestir-se, andar e se adornar. Como se observa na figura 1.

Portanto, as cores, os tecidos das roupas e os acessórios usados como enfeites, vistos nas figuras 1 e 2, eram responsáveis pela segregação social, pois a corte, os trabalhadores e os escravos não se vestiam da mesma forma. Além disso, as autoras citaram que o jesuíta Antonio Vieira, em um dos seus sermões, criticava o povo do Maranhão por seu uso ostensivo de jóias e vestimentas, caracterizando esta vaidade como um pecado das elites. Fato contraditório, pois os próprios jesuítas também utilizavam trajes elegantes e conviviam com os escravos que usavam poucas peças de roupa, como é visto na figura 3.

Algumas dessas questões foram discutidas por Hoornaert (1977) no seu trabalho sobre a Igreja Católica no Brasil Colonial. De acordo com esse autor, desde o período colonial a religiosidade esteve presente nas questões corporais. Com as teorias Aristotélicas de que o corpo era visto cosmologicamente como uma parte do universo, a dualidade alma-corpo não era possível de dissociar-se. Além disso, a igreja católica considerava o corpo como um objeto sagrado cujos estudos anatômicos eram considerados grandes pecados e atos hereges. Por outro lado, a igreja aprovava que se desossassem e esquartejassem os corpos de reis e padres depois de mortos para enterrar em diferentes lugares ou para não terem tanto peso para carregá-los nas viagens.

Desta maneira, como a igreja católica impedia as dissecações de cadáveres, até o renascimento pouco se sabia acerca do interior do corpo humano. Leonardo da Vinci e Andreas Vesálio foram os primeiros anatomistas de que se tem notícia (LE BRETON, 2012). Contudo, Da Vinci não deixou nenhum documento que comprovasse seus estudos anatômicos do corpo humano, talvez por medo de punições. Apenas foram encontradas notas e alguns desenhos de parte do corpo que supõem-se serem de sua autoria. Somente anos mais tarde Vesálio foi considerado o primeiro anatomista expondo duras críticas a Galeno, um famoso médico que fez descrições do corpo humano sem dissecá-lo

1. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx>, <http://dialnet.unirioja.es> e <http://scholar.google.com>.



Acima: Figura 1: Uma família e suas escravas domésticas no Brasil em 1860. Fonte: Fotografia de Revert Henry Klumb [Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Family_and_slave_house_servants_by_Klumb_1860.jpg]



Ao lado: Figura 2: Dom Pedro II, Imperador do Brasil e a família imperial. Fonte: fotografia de Otto Hees. [Disponível em: Lago, Bia Corrêa do. Os fotógrafos do Império: a fotografia brasileira no Século XIX. Rio de Janeiro: Capivara, 2005].

Abaixo: Figura 3: Jesuíta no Brasil durante o período colonial. [Disponível em: <http://historiacsd.blogspot.com.es/2012/11/brasil-colonia-os-religiosos-jesuitas.html>].



e, portanto, com erros evidentes (LE BRETON, 2012). Portanto, a igreja católica com suas proibições em nome da preservação da fé acabava interferindo no avanço do conhecimento do corpo humano.

Além disso, não foi só nos estudos do corpo que igreja católica teve sua influência. Ela também interferia nos tipos de pudores do corpo, nas obrigações de sacramentos e até hoje em questões polêmicas como contraceptivos, aborto e eutanásia. Segundo (HOORNAERT, 1977, p. 208), a igreja no período colonial tinha o objetivo de “*converter a população para a nossa santa fé católica*”. Porém, com seus enormes engenhos, fazendas e até mesmo escravos trabalhando para ela, a igreja se transformou em uma forte formadora de opiniões, inclusive nos negócios comerciais, onde “*somente uma minoria de sacerdotes se comprometeu de verdade com as tarefas missionárias*” (HOORNAERT, 1977, p. 215). De acordo com o autor, os jesuítas foram expulsos de algumas missões quando começaram a interferir demais nas relações econômicas da coroa portuguesa.

Neste sentido, nota-se que a imagem dos corpos no período colonial era diferenciado pelas classes econômicas. Através das vestimentas era possível discernir quem era da elite e quem era de uma situação financeira desfavorável, pois o preço dos trajes limitava o acesso da população menos favorecida. Neste sentido, Bourdieu (2010), afirma que a situação financeira limita o acesso à cultura diferenciando os tipos de gostos pela classe social. Além disso, mesmo que a igreja católica considerasse as ostentações como pecado e vaidade, ela precisava do apoio financeiro e político dessa camada da sociedade. Portanto, a igreja católica teve e tem a sua forte influência nas expressões dos indivíduos e dos seus corpos na sociedade brasileira.

CORPO NO PERÍODO COLONIAL ATÉ A REPÚBLICA

Ainda no período colonial, José Murilo de Carvalho (2000) descreve o descobrimento do Brasil como um “encobrimento”, mostrando as diversas falácias envolvidas na chegada dos portugueses. Uma delas trata das coincidências dos tratados de Tordesilhas e de Alcaçovas-Toledo que demarcavam zonas ainda não exploradas pelos portugueses e espanhóis, mas que pareciam já ser do conhecimento dos

portugueses mesmo antes da chegada de Cabral no Brasil. Contudo, a história passada nas escolas continua sendo de uma visão simplesmente de acaso. Já a outra falácia aborda o Brasil mítico visto como um paraíso terrenal que acabou deixando uma imagem de país maravilhoso que até hoje vemos em músicas, poesias e propagandas sobre o país.

Além disso, esse mito edênico é refletido nos discursos políticos usados tanto na independência do Brasil como nas campanhas eleitorais atuais. Essas mensagens são carregadas por frases que demonstram uma síndrome de país grande ou de uma projeção de um país do futuro, provocando um sensação de inverdade e de que os heróis políticos também são mitos. Os discursos políticos causaram uma falta de credibilidade pelas lideranças para com a sua população, refletindo reações de descontentamento, como as diversas manifestações que ocorrem no Brasil nos últimos anos. Entretanto, esse sentimento de desamparo político não é uma novidade em nossa história.

É importante destacar que a vinda da coroa portuguesa para o Brasil provocou o início das crises coloniais. O monopólio do comércio português teve seu esquema colapsado com a abertura dos portos e tratados de comércio com a Inglaterra e também com o crescente **contrabando**. Desta maneira, o descontentamento dos portugueses com relação à política de Dom João VI pressionava a corte que voltasse para Portugal criticando, também, a autonomia que havia sido dada à colônia. Sem embargo, em 1922 o príncipe desobedeceu às ordens de Lisboa, em resposta ao pedido do Senado do Rio de Janeiro, e resolveu permanecer no Brasil, fato conhecido como o dia do fico. (SANTOS, 1995)

Entretanto, apesar de permanecer no Brasil, o príncipe estava dividido entre os interesses da metrópole e os da colônia, deixando-a com a tarefa de proporcionar uma independência, porém sem alterar a “ordem”. Assim, meses depois buscando esse escopo, o príncipe fez um acordo com a Inglaterra tornando o Brasil independente. Diferente da maioria dos casos, a independência do Brasil foi sem lutas e sem a participação do povo, mas com um objetivo oculto de manter a elite no poder. Podemos pensar que a crise dos heróis políticos se firmou na independência do Brasil deixando a

sensação de que não foi alcançada até os dias de hoje. Também temos a impressão de que a liberdade dos corpos ainda é vítima de influências sociais transformando as pessoas, supostamente independentes, em dependentes da aprovação social.

Neste sentido, o excelente artigo de Emília Viotti da Costa (1968) trata do Brasil desde o período da monarquia até a República. Ela ressalta que a crise do sistema colonial iniciou quando o capitalismo comercial e os interesses do Estado absolutista entraram em divergência. Ou seja, o aumento da produção não era mais compatível com os mercados monopolizados gerando críticas a instituições políticas e religiosas. Desta maneira, a autora também ressalta que os movimentos revolucionários, como a conjuração baiana e a revolução dos padres, apesar de seus discursos de soberania do povo e de igualdade, na verdade pretendiam manter uma boa parcela da população brasileira escravizada e longe da educação e da vida política.

No entanto, a insatisfação nas relações de poder propiciou o surgimento de novas doutrinas sobre o contrato social e uma reflexão acerca das suas leis, iniciando também a mecanização do trabalho. Por outro lado, os ideais liberais surgiram inspirados pelas doutrinas europeias, porém eram limitados por um comportamento frequentemente elitista, racista e escravista. Gómez de la Torre (2014) analisa a educação superior do Brasil desde a independência até o golpe militar de 1964 e descreve as necessidades de reformas que a educação primeiramente elitista já apresentava na época. Como a formação era em Coimbra, poucos podiam ter o privilégio de estudar em Portugal, porém quando foi fundada a primeira universidade de direito em São Paulo, em 1827, ainda continuava sendo conservadora e formalista.

Portanto, os estudantes eram formados para serem os novos líderes do país e poucos tinham acesso às universidades. Hoje em dia, existe uma maior popularização do ensino universitário no Brasil com muitas universidades públicas e particulares. Contudo, as diferenças ainda persistem, pois o ensino fundamental público não prepara os estudantes para entrarem em uma universidade pública, sendo necessária a criação de cotas para que essa desigualdade diminua. Porém, essa é uma medida de cima para baixo, que não soluciona o problema de forma

global porque a reforma mais importante seria a da educação básica. Só assim, o país prepararia as pessoas para lutarem igualmente por seus direitos e para que a cultura da democracia esteja mais consciente no povo brasileiro.

AS ETNOCIRURGIAS SÃO RESQUÍCIOS COLONIAIS?

Quando a segregação de classes pôde modificar mais que suas roupas, mas também os seus corpos com cirurgias plásticas surgiu uma subclassificação dessas cirurgias que são as etnocirurgias. Segundo García (2010) as etnocirurgias são cirurgias plásticas realizadas em pacientes de diferentes etnias para corrigir traços faciais ou corporais com o objetivo de seguir os modelos de beleza. Contudo, esses modelos de beleza parecem estar projetados nas mentes dos brasileiros desde o período colonial, pois o branco era considerado o “chefe rico e bom”; o negro era taxado de “escravo sem educação”; e o índio era visto como um “selvagem sem religião”. Ou seja, esses cruéis estereótipos do período colonial projetaram imagens de corpos ideais que se automatizaram na cabeça de muitas pessoas levando-as a buscarem soluções através das cirurgias plásticas.

Deve-se destacar que geralmente essas cirurgias são procuradas para modificar os traços mais característicos de uma etnia, alcançando assim, uma homogeneização dos corpos. Atualmente, as principais etnocirurgias realizadas são as de correções de nariz (rinoplastias), de lipoaspiração e mudanças de tamanho dos lábios em mestiços; e as cirurgias nos olhos (blefaroplastia) e na face (ritidoplastia ou lifting facial), principalmente do público asiático (VIDAL & VIGIL, 2010; ARAGONESES et al., 2009).

Essa busca por igualdade corporal pode ser influenciada por questões vindas dos modelos coloniais como forma de mudanças para melhora de classes sociais, de parceiros ou até mesmo de empregos. Porém, de acordo com o estudo de Masiero (2015), os médicos no Brasil não costumam usar essa terminologia e também não tentam modificar os traços das diferentes etnias. Ao contrário, para eles não importa a origem étnica do paciente, mas sim a busca de uma harmonia ou equilíbrio nos traços de cada um independente de classificações.

Portanto, o desejo por uma homogeneização dos corpos parece ser mais pessoal do que uma imposição social, mas também com motivações de êxitos que podem trazer resquícios de modelos estereotipados de beleza construídos desde o período colonial.

Além disso, deve-se pensar sobre o significado étnico envolvido nessas cirurgias plásticas. O texto de Schwarcz (2006) trata do mito da democracia racial que persiste em nossos dias, principalmente no interior do país com alguns sistemas de clientela e patronato ainda vigentes. Além disso, as pessoas no Brasil têm muita dificuldade de identificação étnica, pois como este conceito é baseado na autodefinição, fica difícil discernir-se no meio de tantas misturas. Também existe uma grande repressão ao racismo que, algumas vezes, pode aumentar um racismo mascarado ou um autorracismo. Sem embargo, diversas políticas são feitas para diminuir essas condutas, como medidas de punição e o sistema de cotas para uma maior inclusão nas universidades públicas.

Também é interessante apontar a questão polêmica dos livros infantis que tratavam do branqueamento de seus personagens. A literatura infantil e algumas novelas projetavam imagens nas crianças, associando o branco-bom e o negro-mau, que acabaram sendo assimiladas posteriormente nos adultos. Contudo, felizmente correções dessas interpretações estão começando a aparecer, inclusive judicialmente, por apresentarem manifestações de racismo em seus discursos. Por outro lado, a caracterização do brasileiro para o mundo teve grande repercussão com a Carmen Miranda e o Zé Carioca, personagens que mostravam símbolos e imagens dos brasileiros e brasileiras, com muitos estigmas que até hoje seguem nas visões dos estrangeiros sobre os brasileiros.

Portanto, além da imagem dos corpos ser incorporada no imaginário coletivo desde o período colonial, as etnocirurgias são vistas como alternativas da modernidade para promover a igualdade dos corpos. Porém, quando se pensa que as etnocirurgias são tentativas de equiparar os corpos, este tema torna-se extremamente paradoxal, pois as sociedades atuais mostram os benefícios de valorizar as diferenças culturais, mas ao mesmo tempo, as pessoas procuram acabar com tais distinções corporais. Portanto, essas modificações corporais também fazem parte da formação da identidade

dos brasileiros e estão associadas com a história do Brasil.

O CORPO E OS POLÍTICOS

Apesar de termos instituída a democracia no Brasil desde o fim da ditadura em 1984, concordo com o que o ex-presidente, Fernando Henrique Cardoso, afirmou em uma entrevista: “*a cultura e o sentimento de democracia ainda não estão vivos na população brasileira*” (BECHARA & GÓMEZ DE LA TORRE, 2014, p.210). Ou seja, como já foi dito no tópico anterior, o ex-presidente reitera o fato de que a trajetória política e econômica do Brasil desiludiu o povo que considera seus representantes corruptos e pouco confiáveis. O medo pessoal e, ao mesmo tempo, a síndrome de país grande dos políticos, transformaram a vida no Brasil em uma loteria, onde as garantias de estabilidade são como apostas em jogos de azar.

Por outro lado, dois presidentes se destacaram pelas suas ações populares durante a democracia, Getúlio Vargas e Luis Inácio da Silva. Ambos ganharam popularidade e foram polêmicos com suas medidas sociais em busca de uma maior voz ativa das classes menos privilegiadas. Essa foi a imagem que eles construíram através das leis trabalhistas de Vargas e da Política de Fome Zero de Lula. Contudo, os dois têm muito em comum, pois ambos foram bem articulados e mantiveram uma sutil ambiguidade de opiniões durante os seus mandatos.

Durante os mandatos de Getúlio e de Lula a população pôde pensar mais nos seus corpos. Através das leis trabalhistas de Getúlio, o uso abusivo da mão de obra foi controlada, diminuindo os excessos de esforços corporais ao regularizar a carga horária, os intervalos e as férias dos trabalhadores. Ou seja, o controle dos corpos obrigados a trabalhos exaustivos tão discutidos por Deleuze (2005) em crítica ao capitalismo estava com seus dias contados. Além disso, com a política da fome zero de Lula, milhares de corpos desnutridos passaram a ter uma melhor alimentação. Também é importante destacar que nesse período, as classes menos privilegiadas tiveram um maior poder de consumo e um aumento no acesso a cirurgias plásticas e a tratamentos estéticos. Portanto, esses políticos indiretamente atuaram sobre as modificações corporais de uma grande parcela

da população que antes se preocupava apenas em sobreviver, mas que pode olhar-se no espelho e cuidar um pouco de sua aparência.

Além desses presidentes, Fernando Henrique Cardoso, sociólogo e político respeitado no mundo acadêmico, teve um mandato onde pode estabilizar a moeda brasileira e diminuir a inflação. No entanto, também sofreu diversas críticas em relação à falta de políticas sociais e poucas medidas para os trabalhadores, como os aumentos de salários. Durante o seu governo, o Brasil estava precisando de medidas econômicas importantes para não falir e o olhar das ações voltaram-se mais para a retomada do equilíbrio econômico do que para medidas sociais que indiretamente afetassem os corpos dos brasileiros.

Atualmente, Dilma está na presidência e segue uma linha de governança em que divide suas preocupações tanto para a economia, como para as medidas sociais em que está tendo que cortar diversas verbas tanto na educação como na saúde. Também gostaria de salientar uma curiosidade acerca dessa presidente que são as cirurgias plásticas faciais de Dilma, realizadas pelo cirurgião plástico Renato Viera, figura 4.

Este aspecto me parece fundamental, pois com a democracia dos corpos e a apreciação das aparências no mundo moderno, os políticos também buscam modificações corporais para apresentarem uma imagem mais “agradável” ao público. A busca de uma maior feminilidade moldada no rosto, no cabelo e nas roupas da Dilma ao longo de seu mandato de presidente, demonstra que o corpo é um símbolo de valor social que pode ter a intenção de expressar educação, confiança e carisma.

Nessa linha, o ex-presidente que sofreu o *impeachment*, Fernando Collor de Melo, também foi um presidente que usava sua boa aparência como forma de demonstração de competência contrastando com seu oponente de campanha Lula, que na época tinha uma imagem de um simples operário, muito diferente da sua imagem atual.

Outro político polêmico que fez diversas cirurgias plásticas foi o ex-ministro José Dirceu. Como ele era líder estudantil durante o período da ditadura, foi exilado para Cuba e sem poder voltar ao Brasil submeteu-se à cirurgia plástica facial realizada por médicos cubanos, modificando radicalmente seu rosto para não ser reconhecido e, assim, voltar à sua terra natal. Posteriormente

quando passaram as perseguições, ele se operou novamente para desfazer a cirurgia plástica anterior e recuperar as suas feições. Nos últimos tempos ele também realizou um implante de cabelos. Com toda essa metamorfose corporal, José Dirceu ficou conhecido por suas cirurgias plásticas e o médico que reconstituiu sua face, Fernando Bastos, também virou referência para outros políticos na busca de cirurgias para calvície. Isso mostra que modificando os corpos também se pode mudar a identidade, assim como Le Breton (2012) dizia que o homem ao modificar seu corpo busca modificar sua existência e tem nele um borrador de acordo com os seus desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que atualmente existe um paradoxo associado ao corpo, pois ao mesmo tempo em que a globalização e a modernidade não cansam de ressaltar os benefícios das diversidades culturais, acabam projetando através dos meios de comunicação modelos de beleza baseados em pessoas bem sucedidas com corpos esculturais. Ou seja, essas mensagens transmitidas pela mídia acabam criando um ideal de corpo no imaginário coletivo que estimula milhares de pessoas a seguirem esses modelos. Assim, supõe-se que as motivações internas das pessoas acabam sendo inconscientemente alimentadas por imagens de corpos exitosos desde o período colonial até os nossos dias.

Por fim, conhecer a história do Brasil



Figura 4: A presidente Dilma ante e depois das cirurgias plásticas faciais. Fonte: Revista Vanity Fair/ Reprodução – Internet [Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-07-31/vanity-faircoloca-dilma-em-lista-de-lideres-que-fizeram-cirurgia-plastica.html>].

com uma visão voltada para os corpos parece fundamental para entender a corporalidade desta população tão diversificada. Considero que os corpos expressam e identificam e que a sua modificação através de cirurgia plástica é apenas uma alternativa encontrada para uma maior aceitação de si mesmo, promovendo assim, uma melhora nas relações sociais e pessoais. Portanto, acredito que o bom senso e o equilíbrio devem estar presentes nestas modificações para que não seja um instrumento de fuga psicológica, preconceitos ou de mutilação corporal. Essa escolha deve ser bem refletida e realizada com cautela, somente em casos de necessidade para evitar a sua transformação em cyborgues ou máquinas tão discutidos por Donna Haraway (1991). Afinal, como o corpo reflete a maneira que pensamos em respeito a ele, muitas vezes, uma mudança de conceitos e uma maturidade de ideias podem causar mais modificações que uma alteração corporal.

REFERÊNCIAS

- ARAGONESES, T. Y., COLMENERO, C., ISHIZUKA, T. Y., & ITURRIAGA, M. T. M. (2009). Planificación quirúrgica en el paciente asiático. *Gaceta dental: Industria y profesiones*, 207, 196-208.
- BECHARA, A. E. L. & GÓMEZ DE LA TORRE, I. B. (2014). Entrevista: Fernando Henrique Cardoso. *Revista de Estudios Brasileños*, 1(1), 202-214.
- BOURDIEU, P. (2010). A distinção. Uma crítica social da faculdade do juízo. Tradução de Pedro Elói de Duarte. Coimbra: Edições.
- CARVALHO, J. M. (2000). Nación imaginada: memória, mitos y héroes. En: González, E., Moreno, A. y Sevilla, Rosario (eds). *Reflexiones en torno a 500 años de historia de Brasil*. Madrid: Catriel.
- COSTA, E. V. (1968). Brasil: De la monarquía a la república. Edição revisada e resumida de "Introdução ao estudo da emancipação política", São Paulo: Perspectiva.
- DAMATTA, R. (1987). Trabalho de campo. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 143-173.
- DEL PRIORE, M. & AMANTINO, M. (Orgs.) (2011). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: UNESP.
- DELEUZE, G. (2005). *Derrames entre el capitalismo y la esquizofrenia*. Buenos Aires: Cactus.
- FREYRE, G. (1980). *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: Olympio.
- GARCÍA, E. M. (2010). *Transformaciones corporales: la etnocirugía*. Barcelona: Editorial UOC.
- GÓMEZ DE LA TORRE, I. B. (2014). La educación superior en Brasil. Desde la independencia al golpe militar de 1964. *Revista de Estudios Brasileños*, 1(1), 113-130.
- HARAWAY, D. (1991). "A cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late twentieth Century". En *Simians, cyborgs and woman: The reinvention of nature*. New York: Routledge, 149-181.
- HOONAERT, E. (1977). A evangelização e a cristandade durante o primeiro período colonial. Em: *História da Igreja no Brasil, Petrópolis, 1977*, p.24.
- LE BRETON, D. (2012). *Antropología del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- MASIERO, L. M. (2015). *Cirurgías Plásticas, Antropología y Fisioterapia: ¿Cuál es la relación? Alemania: Editorial Académica Española*.
- SANTOS, M. J. V. (1995). *História do Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- SCHWARCZ, L. M. (2006). Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. Em *Schwarcz, L. M. (Org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo, Companhia das Letras, vol. 199.

VIDAL, B. C., & VIGIL, T. C. (2010).
Rinoplastia en la nariz mestiza y negroide.
Medisur, 8(1), 26-31.

